

# Fernando Guerra.

## À procura da imagem impossível de replicar

As sessões fotográficas são como tatuagens: não há desculpas para erros. Quem o diz é Fernando Guerra, fotógrafo de arquitectura, que está a chegar aos 2500 trabalhos publicados em revistas de referência mundial, como “Casabella”, “Wallpaper\*”, “Dwell”, “Icon”, “Domus” ou “A+U”. Com 43 anos, colabora com vários arquitectos portugueses, como Álvaro Siza, Manuel Mateus, Manuel Graça Dias, e internacionais, como Márcio Kogan ou Zaha Hadid, entre outros. Criou o estúdio FG+SG com o irmão Sérgio Guerra, e juntos tornaram-se os difusores da arquitectura contemporânea portuguesa nos últimos 15 anos. Pode acompanhar tudo no site [ultimasreportagens.com](http://ultimasreportagens.com). Falámos com o fotógrafo sobre um dos seus mais recentes trabalhos, as imagens do Centro de Artes Nadir Afonso, em Boticas. Ideias trocadas por email, já que anda sempre em trânsito. O embaixador da Canon Europa na categoria de fotografia de arquitectura tinha acabado de chegar de Cabo Verde, onde captou “um edifício que vai fazer história, no meio da cratera do vulcão do parque natural da ilha do Fogo”. Uma conversa feita de imagens, já que o seu trabalho é uma entrega total: “É preciso trabalhar todos os dias e não ter tempo para mais nada”

VANDA MARQUES [vanda.marques@online.pt](mailto:vanda.marques@online.pt)



**O INTERIOR DO CENTRO DE ARTES NADIR AFONSO, BOTICAS**

“Desde que começámos a trabalhar que percebemos que ter as imagens e não fazer nada com elas é passar ao lado do que é essencial na fotografia de arquitectura, a comunicação. Um projecto que não se vê deixa de fazer parte da história. Há 15 anos que o trabalho do Sérgio Guerra é trabalhar essa comunicação. Eu fotografo, ele comunica. Simples e muito eficaz. Reunimos contactos com revistas e blogs de referência. Por nos conhecerem e confiarem no trabalho, dão-nos atenção e as publicações, como a ‘Domus’ surgem”, explica Fernando Guerra sobre a publicação das fotografias do Centro de Artes na revista italiana. A escolha do centro com assinatura de Louise Braverman e colaboração do português Paulo Pereira Almeida foi fácil, já que é de visita obrigatória. “O desenho e a construção de um edifício têm sempre constrangimentos que uma obra de pintura não toca. E um deles é a abstracção. Este museu faz a ligação entre duas ruas e uma praça com cotas diferentes desdobrando-se no seu interior em espaços expositivos luminosos em que a estrela é a pintura.”



**ADEGA MAYOR, CAMPO MAIOR, DE ÁLVARO SIZA**

Diz que foi por influência dos pais, que lhe deram máquinas “para a mão muito cedo”, que ficou com o gosto. O que procura num edifício é a arquitectura viva. “Mostrá-lo a respirar. A funcionar durante um dia. Não me interessam espaços vazios de coisas, porque ficam despidos da razão que os fez existirem. A boa fotografia de arquitectura deve ser impossível de replicar.” E como se define uma má imagem? “A falta de transparência. O ego do fotógrafo sobrepor-se ao que é essencial mostrar. Um trabalho é sempre sobre uma obra.”



**COMPLEXOS ESCOLARES, ABRANTES, AIRES MATEUS**

Com vários prémios no currículo, como Arcad Images, não consegue destacar apenas uma obra das quase 2500 que já fotografou. E não esconde as maiores dificuldades de uma sessão: “Aqueles em que choveu todo o tempo. Por vezes nem é a chuva que estraga a sessão. Gosto da variedade, mas gosto de evitar a falta de sombras, que são uma constante no meu trabalho. Mesmo que esse mau tempo me tenha dado imagens incríveis. Mas geralmente uma sessão corre mal por causa da luz ou pela falta dela. O segredo é trabalhar com aquilo que se apresenta como uma fraqueza e dar a volta.”

**AMORE PACIFIC CAMPUS YONGIN-SI, GYEONGGI-DO COREIA DO SUL**

Dedica-se à fotografia de arquitectura e diz que só é possível porque é uma entrega total. “Para isto funcionar é preciso trabalhar todos os dias da semana, não ter tempo para mais nada. O lado glamoroso desaparece com meses de viagens. Tenho muita sorte em ter um ateliê de fotografia com sete colaboradores. Felizmente temos reservas de trabalhos para todo o ano.” E é mais fácil fotografar edifícios ou pessoas? “Tudo tem um lado melhor. Tanto faz se pessoas se edifícios. Descobri-lo é parte do gozo de fotografar e é isso que me faz sair de casa todos os dias.”

**CENTRO DE ARTES NADIR AFONSO**  
Para fotografar o edifício em Boticas, Fernando Guerra demorou 12 horas. “Foi num dia frio de Inverno, com sol. As sessões são como tatuagens. Só temos direito a uma tentativa. Não existem desculpas para o erro. Ao contrário da arquitectura, não se pode emendar à mão no dia seguinte no ateliê. Tenho aquelas horas e é bom que as imagens aconteçam. Seja em Lisboa seja em Seul. Não se pode confiar num regresso ou basear o falhanço no material. Nunca há uma desculpa para a nossa incompetência”, explica o fotógrafo, que é licenciado em Arquitectura. E o que foi mais difícil de fotografar no centro? “Estando a luz boa, é apenas não parar de andar à volta e dentro do museu seguindo o sol. O mais difícil é deixar passar um momento único. Mas o meu trabalho é fazer com que não aconteça.”

